

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL
GRUPO DE TRABALHO DE ENFRENTAMENTO À PANDEMIA
DA COVID-19

SEMINÁRIO VIRTUAL

O PAPEL DA IGREJA DIANTE DA CRISE DA COVID-19 NO BRASIL:
SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS EPIDEMIOLÓGICAS,
SOCIOECONÔMICAS E PASTORAIS



JUNHO 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Seminário virtual : o papel da igreja diante da crise da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]: situação atual e perspectivas epidemiológicas, socioeconômicas e pastorais / Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Livraria Anglicana, 2020.

PDF

ISBN 978-65-991248-7-7

1. COVID-19 - Pandemia 2. Igreja Católica 3. Pastoral do Acolhimento I. Brasil, Igreja Episcopal Anglicana do. II. Título.

20-46556

CDD-253.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Pastoral : Cristianismo 253.7

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

INTRODUÇÃO

A Comissão encarregada da organização do Seminário oferece este relatório no sentido de uma memória escrita das suas principais discussões e suscita questões que foram levantadas ou se podem depreender de nossa apreciação dos debates gravados e publicados no canal da Igreja no YouTube. O Seminário teve como objetivo reunir especialistas e agentes das áreas de saúde, políticas públicas, economia, ciências sociais, estudos das religiões e teologia para discutir a situação atual e os prognósticos da crise da pandemia da Covid-19, no Brasil, e para refletir sobre o papel da Igreja Anglicana e das igrejas e religiões comprometidas com as lutas por justiça social, no país, diante dessa crise. O evento ocorreu em modalidade virtual, por meio da plataforma Zoom, entre os dias 14 e 15 de maio de 2020, destinado a um público de lideranças episcopais, clericais e laicas da IEAB e outras províncias da Comunhão Anglicana; convidadas e convidados ecumênicos e de movimentos sociais; e aberto a pessoas interessadas, através das redes sociais. Os vídeos gravados de cada momento do Seminário foram postados, no mesmo dia, no canal do YouTube IEAB TV. Foram realizadas seis mesas, com palestrantes de diversas áreas do conhecimento e atuação e diferentes vínculos religiosos.

Destacamos em seguida alguns pontos da discussão de cada mesa, sem pretensão de exaustividade, e, na parte final, algumas questões suscitadas para a reflexão e o posicionamento da IEAB com base na situação vivenciada em virtude da pandemia.

1. OS DEBATES: UM BREVE PANORAMA

MESA 1 - Situação atual e perspectivas de evolução da pandemia no Brasil

- *Coordenação:* Gustavo Oliveira (IEAB, UFPE)
- Alexandre Padilha (Médico, Deputado Federal e Ex-Ministro da Saúde)
- Fernanda Rick (Médica da AHF-Brasil)

Gustavo Oliveira. Doutor em Sociologia. Professor da UFPE. Deão da Catedral do Bom Samaritano, da Diocese Anglicana do Recife. Membro da Comissão Bilateral de Companheirismo TEC-IEAB

Alexandre Padilha. Médico Infectologista pela Universidade de Campinas; Ex-Ministro da Saúde; Deputado Federal pelo PT-SP.

Fernanda Rick. Médica infectologista. Atua na Aids Healthcare Foundation como diretora adjunta, médica global e assessora médica para Latino América e Caribe. Atuou no Departamento de ISTs, HIV/AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde do Brasil. Entre 2014-2017, trabalhou no Médicos sem Fronteiras (MSF) em diferentes projetos de HIV e hepatite, bem como epidemias, na América do Sul, África e Ásia. Também atuou como pesquisadora de HIV na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) - Brasil e no Hospital Carlos III - Madrid - Espanha.

O debate deixou clara a gravidade da pandemia da Covid-19. Embora já tenha havido muitas pandemias devastadoras ao longo da história, a atual apresenta-se como uma das mais agressivas e perigosas desde, pelo menos, a pandemia da Gripe Espanhola (1918). A gravidade da atual pandemia deve-se à combinação de fatores como o elevado poder e velocidade de contágio do vírus, a complexidade e elevado tempo de tratamento de pessoas com formas graves da doença e o significativo grau de letalidade entre pessoas idosas e portadoras de comorbidades. A conjunção desses fatores faz com que os recursos de tratamento das pessoas doentes se esgotem rapidamente nas regiões onde a pandemia se instala. Desse modo, caso a curva de contágio não seja desacelerada, o número de mortes pode crescer exponencialmente e produzir o colapso do sistema de saúde e de outros serviços e atividades sociais.

Uma vez que o enfrentamento da pandemia depende do controle da velocidade e do “achatamento” da curva de contágio, os cuidados de higiene, controle sanitário e distanciamento social necessários para reduzir os riscos de contaminação precisarão ser mantidos – mesmo que em diferentes níveis – até que haja a possibilidade de acesso em massa a uma vacina ou tratamento suficientemente eficaz contra a Covid-19. Não há uma expectativa realista de que o acesso a esses recursos possa estar disponível em larga escala, no Brasil, antes do final do ano de 2021. Pelo menos até lá, portanto, deve continuar a haver uma tensão permanente em torno das políticas de controle da curva de contágio e continuarão a ser necessários diferentes níveis e medidas de controle sanitário e de circulação social. Além disso, o controle da curva de contágio pode variar significativamente entre diferentes bairros, cidades, regiões e países vizinhos, o que dificulta o controle ainda mais.

Mesmo após o desenvolvimento de vacinas e tratamentos mais eficientes para o controle ou mesmo a cura da Covid-19, é bastante provável que a experiência da atual pandemia venha a produzir mudanças significativas e persistentes na cultura da população, nas práticas sociais e nas políticas oficiais de controle sanitário, saúde pública, comunicação, transporte, abastecimento, organização do trabalho, educação, segurança, assistência social etc.

A atual pandemia tem demonstrado, de forma muito clara, o caráter imprescindível da existência e da atuação forte de organismos internacionais e de sistemas nacionais ou locais de saúde que sejam orientados pelos princípios da ciência e pelas lógicas do interesse público e da promoção da saúde da população, não pelas lógicas do mercado econômico ou pelo interesse de grupos particulares de poder. Do mesmo modo, a pandemia tem demonstrado o imenso perigo do negacionismo sectário – inclusive de grupos religiosos – perante a ciência e das práticas de manipulação e deturpação da informação como estratégias de promoção de grupos políticos e de interesses particulares.

Apesar do caráter virtualmente universal da pandemia, seu impacto, sua dinâmica e suas implicações não são idênticas nem equivalentes em diferentes grupos e populações. Grupos sociais historicamente excluídos, marginalizados e subalternizados, como as pessoas pobres, negras, mulheres, idosas, trabalhadoras informais, moradoras da periferia, moradoras de rua, usuárias de drogas ilícitas, presidiárias, imigrantes ilegais, LGBT, profissionais do sexo, camponesas, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, entre outras, constituem populações especialmente vulneráveis e desassistidas, com características e demandas específicas que exigem a atenção e o desenvolvimento de estratégias e abordagens próprias para o enfrentamento da pandemia e de seus efeitos socioeconômicos.

MESA 2 - Implicações econômicas e sociais da pandemia na realidade brasileira

- *Coordenação:* David Morales Martinez (IEAB, UFABC)
- Paulo Rubem Santiago (UFPE)
- Rodrigo Toniol (UNICAMP)
- Sarah de Roure (Christian Aid)

David Morales Martinez. Doutor em Integração da América Latina. Professor da UFABC.

Paulo Rubem Santiago. Mestre em Educação. Professor do Departamento de Educação Física, UFPE. Ex-Deputado Federal e ex-Presidente da Fundação Joaquim Nabuco.

Rodrigo Toniol. Doutor em Antropologia. Professor do Departamento de Antropologia, Unicamp. Presidente da Associação de Cientistas Sociais da Religião do Mercosul.

Sarah de Roure. Mestra em Desenvolvimento e Cooperação Internacional. Representante (Gestora de Programas) da Christian Aid no Brasil.

A mesa ofereceu uma panorâmica geral do assunto, identificou suas principais características e uma profunda reflexão sobre os contextos prévio, durante e pós-pandemia para a realidade brasileira. Assim, foi constatada a complexidade da condução das políticas públicas, sociais e de reformas estruturais que o país vem implementado nos últimos anos, reduzindo o papel do Estado nas diferentes áreas. Isto tem produzido um impacto direto sobre o financiamento das políticas públicas, em particular na área da saúde, com recursos congelados por vinte anos ainda no governo Temer, o que tem dificultado claramente o desempenho do país perante a crise imposta pela pandemia, aprofundando ainda mais a fragilidade institucional.

Igualmente foi evidenciada, a partir de uma visão da Antropologia sobre a temporalidade das catástrofes, a existência de três dimensões que estariam presentes na evolução da pandemia no Brasil: o reconhecimento da miséria atual; a busca pela saída da crise e a longa duração da pandemia. Importante destacar que essas fases estariam permeadas pela gestão do risco em diferentes níveis de complexidade, mas de qualquer forma, o resultado certamente será a configuração de uma sociedade ainda mais desigual daquela que conhecíamos antes do contexto pandêmico.

Nesse sentido, o debate e argumentos expostos durante a mesa revelou que, de fato, a maior consequência social e econômica da crise pandêmica no Brasil seria um aumento da desigualdade atual no país nos diferentes contextos e nas dimensões global, regional e local. A desigualdade como marca desta crise no Brasil vislumbra uma perspectiva desoladora pois cada vez mais se concretiza que as pessoas com menos recursos e totalmente desprovidas são e serão as que mais vão sofrer os impactos drásticos, incalculáveis e imprevisíveis que esta pandemia deixará em território brasileiro.

MESA 3 - Aspectos políticos e jurídicos da crise da Covid-19 no Brasil

- Coordenação: Bianca Daeps (IEAB, MUPPS)
- André Lozano (IBCCrim, OAB-SP)
- Chico Alencar (UFRJ, Ex-Deputado Federal, PSol-RJ)
- Maria do Rosário (Deputada Federal, PT-RS)

Bianca Daeps. Doutora em Educação. Professora da Faculdade Dom Pedro II. Reverenda e teóloga da Diocese Anglicana do Recife

André Lozano. Mestre em Direito Penal. Professor da Universidade Ibirapuera; conselheiro da comissão de prerrogativas da OAB/SP e coordenador do Laboratório de Ciências Criminais do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais – IBCCRIM.

Chico Alencar. Mestre em Educação. Professor da UFRJ. Ex-Deputado Federal (PSol-RJ).

Maria do Rosário. Doutora em Ciência Política. Deputada Federal (PT-RS). Ex-ministra da Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República.

A mesa reiterou o entendimento de falas anteriores, acrescentando que o Brasil está imerso em uma crise que não é apenas política, mas moral, social e sanitária. Destacou-se o agravamento desta situação com o crescente avanço do processo de militarização que ameaça a democracia brasileira.

Apesar de que, no início da pandemia, intelectuais importantes, como o filósofo italiano Giorgio Agamben, pontuaram que, com o isolamento social, o Estado estaria cerceando os direitos civis, principalmente o direito de ir e vir, que está intimamente relacionado ao bem jurídico da liberdade, abrindo precedentes para o exercício do autoritarismo comprometendo dessa forma os princípios do Estado Democrático de Direito, no caso da pandemia da Covid 19, o direito a liberdade entrava em conflito com o direito a Vida. Sem vida, não há como falar em liberdade. Por isso, o isolamento social é cabível e aceitável desde que o Governo crie políticas públicas que possibilitem as pessoas mais vulneráveis, social e economicamente, sobreviverem e sustentarem suas famílias, sem seus empregos formais e informais.

Um aspecto relevante da discussão foi a ênfase na importância das palavras. Palavras que mobilizam, que são carregadas de sentidos, sensações, histórias, emoções... por meio das quais as pessoas e a sociedade buscam se organizar. Mas, se essas palavras, são utilizadas para desagregar e violentar, passam a ser geradoras de mortes. Neste momento, as palavras de morte estão sendo naturalizadas e institucionalizadas. As palavras que antes eram combatidas, hoje são enunciadas desde espaços de poder. São palavras que ignoram a violência praticada contra mulheres e meninas, consentem na morte da população negra, provocam desmatamentos e o genocídio da população indígena, a morte das pessoas LGBTQI+, etc. Isto coloca um desafio de despertar a solidariedade como uma categoria política a ser abraçada pelos movimentos sociais, pois é preciso criar novos valores, novas possibilidades, que devem surgir dos diálogos constante com a sociedade, e a partir daí esperar uma nova realidade.

MESA 4 - A crise da Covid-19 e o campo religioso brasileiro

- *Coordenação:* Lúcia Dal Pont (IEAB, CEBI)
- Felipe dos Anjos (IBAB, UMESP)
- Joanildo Burity (IEAB, FUNDAJ)
- Romi Bencke (IECLB, CONIC)

Lúcia Dal Pont. Reverenda da Diocese Anglicana do Paraná. Presidente da Comissão Nacional Anglicana-Católica Romana. Diretora Nacional do Centro Estudos Bíblicos-CEBI.

Felipe dos Anjos. Mestre em Ciências da Religião. Pastor da Igreja Batista de Água Branca (São Paulo-SP).

Joanildo Burity. Doutor em Ciência Política. Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco e Professor dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Ciência Política da UFPE.

Romi Bencke. Mestre em Ciências da Religião. Pastora luterana. Secretária Executiva do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (Conic).

A mesa tratou de várias dimensões teológicas e sociológico-políticas do campo das religiões no Brasil, com ênfase nas igrejas cristãs. Ressaltou-se a relação existente entre o negacionismo e seus efeitos e a utilização de uma linguagem teológica do sacrifício, que reforça a negação da realidade, do corpo, do desejo, das disputas sociais, em nome de uma autoverdade que produz inimigos e intenta gerir a morte. Essa lógica é muito presente entre evangélicos, mas no contexto atual tem sido utilizada para fins biopolíticos pela aliança bolsonarista-evangélica. O sacrifício se torna uma prática de governo, vai além da teologia, mas agencia essa biopolítica, essa gestão das mortes. O sacrifício antecede, excede e sobrevive à modernidade, modelando a política ainda hoje, sendo manejado pela política para sua tarefa de gestão (da vida e da morte), para criar sujeitos desejosos de morte e instituições desejosas de morte.

Também se destacou que as inúmeras manifestações de traumas e crises ao longo da história sempre recebem respostas religiosas, suscitam múltiplas espiritualidades (respostas existenciais e afetivas) e teodiceias (tentativas de compreender essas situações por meio da interferência de forças maiores). Há sempre várias respostas, nunca uma só, embora haja limites éticos para o que é admitido ou esperado delas. Embora, na maior parte dos casos, são os aspectos mais integrativos da fé que predominam – altruísmo, solidariedade, suporte emocional, proteção, esperança – também pode haver respostas que reagem aos fatos, que desafiam o perigo, que questionam o alcance, o risco das situações. Há respostas positivas, como na suspensão ou redução das atividades das igrejas históricas e grande parte das demais, e há respostas negativas, como nas resistências de igrejas pentecostais a aceitarem as medidas de isolamento e a própria gravidade da doença. Isso suscita alguns desafios para as igrejas neste momento: desafio de compreensão da realidade, percepção da

desigualdade e do ressentimento e seu necessário enfrentamento, desnaturalizando-as; desafio de construir e incluir as igrejas nas redes de solidariedade e de incidência; desafio de aprendizado do pluralismo de expressões religiosas e não-religiosas de serviço num momento de crise; desafio de aprofundar a espiritualidade através das experiências de sofrimento e de serviço.

Que implicações essa dupla reflexão – teológica e sociológica – podem ter para a ação diaconal e transformadora da igreja? Não podemos falar sobre as implicações da Covid-19 nas igrejas sem considerar o cenário político e econômico. Elas são parte da crise e esta impacta diretamente sobre o testemunho cristão na sociedade brasileira e global. Os testemunhos das igrejas têm sido contraditórios e expressam dilemas. Desde uma perspectiva, igreja é uma atividade essencial, pelo atendimento pastoral, material, serviços de sepultamento, acompanhamento dos doentes, que realiza. Por outro lado, a igreja é comunidade. Como dar o testemunho cristão sem comunidades reunidas? Mas, essa atividade essencial é perigosa, porque dissemina o vírus. Isso coloca uma pergunta, nesse cenário, sobre o que significa ser *ekklesia*. Essa contradição entre testemunhos diferentes das igrejas se manifesta nos pronunciamentos e manifestações públicas de políticos, lideranças de igrejas e pessoas leigas, buscando-se um uso da religião para legitimação do poder, desespero apocalíptico, reforço do patriarcalismo. Isso contrasta com a atuação de igrejas no sentido de suprir necessidades dos outros durante a pandemia e de recebimento de muitas demandas através de seus pequenos projetos sociais. As igrejas não podem se fiar no exclusivismo e na superioridade. Há organizações não-religiosas que conseguem, especialmente nas periferias urbanas brasileiras, organizar e prover necessidades de modo concreto, muito melhor que muitas igrejas.

MESA 5 - A IEAB diante da crise da Covid-19: questões teológicas e litúrgicas

- *Coordenação:* Anna Luiza Oliveira (IEAB, UFPE);
- Bianca Daebis (IEAB, MUPPS);
- Marinez Bassotto (Bispa da Diocese da Amazônia, IEAB);
- Paulo Ueti (Anglican Alliance);

Anna Luiza Oliveira. Doutora em Educação. Professora da UFPE. Membro da Junta Nacional de Educação Teológica da IEAB.

Bianca Daebis. Doutora em Educação. Professora da Faculdade Dom Pedro II. Reverenda e teóloga da Diocese Anglicana do Recife

Marinez Bassotto. Bispa da Diocese Anglicana da Amazônia. Presidente da Comissão Nacional de Liturgia; Ex-Custódia do Livro de Oração Comum; Ex-Deã da Catedral Nacional de Porto Alegre.

Paulo Ueti. Doutor em Teologia. Biblista. Assessor teológico e Coordenador para América Latina e Caribe da Aliança Anglicana. Coordenador assistente do Programa Educação Teológica na Comunhão Anglicana.

A igreja deve buscar a realização de liturgias que operem com a dimensão corporal, relacional, intelectual, afetiva, imaginária, simbólica e experiencial das pessoas. Liturgia é ação, é o povo de Deus reunido em assembleia, em oração comum. É sinergia. O novo tempo desafia a viver com a pluralidade de experiências de vida e o conceito de fronteira passa a ser quase inexistente. Busca-se as redes sociais para transmitir as celebrações. Discursos são revisitados, substituiu-se o “vão para a igreja” pelo “fiquem em casa”. Paradoxalmente, diferentes dioceses e províncias se aproximam, celebram e partilham conjuntamente. Fazem contatos via curtidas, corações, pedidos de oração, lives, comentários virtuais, podcasts. É necessário ter consciência da capilaridade dessas celebrações. A IEAB nunca atingiu um número tão grande de pessoas em toda sua história. Porém, o sacramento que faz falta é o aperto de mão, o lanche/almoço comunitário, o diálogo face-a-face, o abraço da paz.

É necessário discutir teologicamente esse sacramento. Investir na realização de ágapes talvez seja uma alternativa significativa nesse contexto.

A fé é um elemento complexo na cultura brasileira. Se por um lado o Estado atende a interesses pouco republicanos, focando demandas morais e mercantis de grupos religiosos específicos, por outro, a fé tem permitido ao povo – para quem falta quase tudo – manter viva a esperança, a coragem e a perseverança. Tradicionalmente, a experiência de fé cristã é patriarcal, embranquecida e hierarquizada. A vivência da solidariedade e da irmandade é invisibilizada pelo culto ao “Deus Pai Todo-Poderoso”. A busca pelo poder e sua manutenção tem sido historicamente o principal ponto de convergência entre os interesses da igreja institucionalizada e o Estado. A igreja poderia aproveitar esse momento para se inspirar na teologia feminista e investir na circularidade, na solidariedade e na potencialização do compromisso ético dos evangelhos: “eu tive fome e me deste de comer, eu tive sede e me deste de beber, eu estava nu e você me cobriu, eu estava sem casa e você me hospedou e partilhou do seu pão”. É preciso tirar o Divino do alto, do trono e encarná-lo entre nós. Experimentar o amor ao próximo como missão, diaconia, materialização da fé.

Por que esse contexto de pandemia e sofrimento? Para responder, é necessário exercitar a criatividade e a labuta teológica. Transgredir a forma comum de pensar e aproveitar a oportunidade para (re)produzir teologias que se afinem com a vida de Jesus. Retomar a teologia da encarnação. Uma teologia de palavras e ações que demonstrem carinho, interesse, cuidado, escuta e compaixão. Que enfrente a desigualdade social. Revisitar a teologia do *Imago Dei*: todas as pessoas são imagem de Deus, todas são preciosas e desejadas por Deus. Reafirmar que Jesus está ao lado de todas em meio ao sacrifício e à vulnerabilidade, que a fé é sempre uma experiência no escuro, um desafio. É necessário aprender a falar de Deus no sofrimento. Reconhecer que o sofrimento e o lamento são parte estruturantes da vida. Sair da mesmice de dizer que o sofrimento vai passar.

A pandemia revelou a desigualdade (somente uma parte da membresia pode ficar em casa), mostrou que há pessoas más nos bancos das igrejas, no contexto familiar, nas redes sociais. Todos estão na mesma tempestade, mas não no mesmo barco. Igualmente, revelou a capacidade da igreja de encontrar Jesus nas pessoas com fome, desnudas, doentes, aprisionadas e fazer alguma coisa, sair de si mesma. A teologia precisa atuar para ir adiante. O mundo não pode voltar ao normal. O normal é perverso, diabólico. O discurso teológico precisa desafiar a igreja a pensar no método de fazer as coisas e na relação com a criação. É necessário insistir na formação para ler a Bíblia de forma transgressora e, ao mesmo tempo, geradora de esperança, que leve as pessoas a se conectarem consigo e com as demais, a desenvolverem resiliência, a conviverem com a enfermidade, com o sofrimento e se manterem em pé. A formação deve desafiar as lógicas coloniais ainda presentes no fazer teológico. Essas lógicas balizam as relações, celebrações, vestes, liturgias. O discurso do empoderamento, fortemente presente no contexto brasileiro, precisa se materializar no investimento em novas pessoas e na reforma dos currículos de teologia.

MESA 6 - A IEAB diante da crise da Covid-19: dilemas e estratégias pastorais e missionárias

- *Coordenação*: Inamar de Souza (IEAB)
- Bruno Almeida (CEA/IEAB)
- Dilce de Oliveira (SADD/IEAB)
- Maurício Andrade (Bispo da Diocese de Brasília, IEAB)

Inamar de Souza. Reverenda da Diocese Anglicana do Rio de Janeiro. Membro da Junta Nacional de Educação Teológica da IEAB. Presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Rio de Janeiro (CONIC-RJ).

Bruno Luiz Teles de Almeida: Mestre em Educação. Reverendo e Arcebispo da Diocese Anglicana de Recife para os estados da Bahia e Sergipe. Presidente da Câmara Clerical e do Laicato da IEAB.

Dilce Regina Paiva de Oliveira: Especialista em Ensino Religioso Escolar e Capelania Marítima. Deã da Catedral do Redentor, Diocese Anglicana de Pelotas. Coordenadora do Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento e membro da Comissão Nacional de Liturgia.

Maurício Andrade: Bispo da Diocese Anglicana de Brasília. Presidente da Junta Nacional de Educação Teológica. Ex-Secretário Geral (1993-2003) e Ex-Bispo Primaz (2006-2013).

A IEAB tem respondido rapidamente às demandas sociais, pastorais, acadêmicas neste momento de crise da Covid-19, apesar de nunca ter se preparado para lidar com uma situação de pandemia dessa natureza. A IEAB atuou rapidamente neste período através de: criação do GT de Enfrentamento à Pandemia da Covid-19; realização de reuniões semanais da Câmara Episcopal; pronunciamentos frequentes da Câmara Episcopal; fechamento total dos templos e de atividades presenciais; mudança do prazo de nossos planejamentos; realização de atividades acadêmicas e litúrgicas por meios virtuais; lançamento do Portal SUIEAB; realização de ações emergenciais de distribuição de cestas básicas; realização de um Seminário Nacional sobre a Covid-19.

Percebe-se o quanto a falta de preparo para uma situação como a pandemia acentuou as fragilidades da Igreja. Os desafios acontecem em 5 dimensões: (a) *Financeira e Administrativa* – promover a auto-sustentabilidade financeira baseada na mordomia cristã, garantir a sobrevivência das comunidades, a manutenção dos templos, os salários do clero e funcionários, a continuidade das atividades pós isolamento social; (b) *Pastoral* – continuar atuando nos temas relevantes da sociedade, atingindo pessoas além dos templos, com atividades virtuais, lançamento de cartilhas, enfrentamento das violências, realização de seminários; (c) *Litúrgica* – formular novas liturgias para conversar com as novas linguagens tecnológicas, garantir a continuidade da espiritualidade, repensar a celebração da eucaristia; (d) *Missionária* – construir um mundo mais justo para todos, ganhar novos adeptos através do jeito de ser anglicano, repensar a prática de recepção e confirmação; e (e) *Política* – assumir uma posição política libertadora, aprofundar a teologia pública, enfrentar as teologias de banalização da morte.

A IEAB precisa revisar o seu Planejamento Estratégico, alargando a tenda dos templos e das atividades que realizamos até aqui, perdendo o medo do novo. As igrejas em geral devem aprimorar a sua comunicação levando em conta quatro dimensões: (a) *Comunicação Cooperativa*, com palavra colaborativa e coletiva; (b) *Palavra Serva*, que traz graça e solidariedade; (c) *Linguagem mais comum e inclusiva*, menos hegemônica; e (d) *Palavra de Ternura*, expressão de compaixão.

As lideranças da Igreja e as pessoas das comunidades mais remotas precisam ser ouvidas nesta crise, para descobriremos primeiro as perguntas surgidas da realidade, as dificuldades vividas no meio do povo. A tendência para encontrar respostas imediatas acontecem a partir de lideranças influentes, de uma realidade urbana, de formação acadêmica, de acesso amplo a tecnologias, que não correspondem à totalidade e à diversidade da IEAB. É preciso pensar num novo tipo de Igreja que precisamos ser a partir de agora, levando em conta as comunidades remotas e rurais, os grupos mais vulneráveis, as ansiedades e as vulnerabilidades do distanciamento social.

MESA DE ENCERRAMENTO - Iniciativas e experiências de enfrentamento à pandemia na Comunhão Anglicana

- *Coordenação:* Gustavo Oliveira (IEAB, UFPE);
- Glenda MaQueen (The Episcopal Church);

- Jorge Pina Cabral (Bispo da Igreja Lusitana);
- Júlio Murray (Bispo Primaz da Iglesia Anglicana de la Región Central de América);
- Mark Bozzuti-Jones (Trinity Church, The Episcopal Church);
- Rachel Mash (Anglican Communion Environmental Network, Anglican Church in South Africa);

Gustavo Oliveira. Doutor em Sociologia. Professor da UFPE. Deão da Catedral do Bom Samaritano, da Diocese Anglicana do Recife. Membro da Comissão Bilateral de Companheirismo TEC-IEAB

Glenda McQueen. Reverenda da Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Responsável pela América Latina e Caribe do Escritório de Parcerias Globais e Pessoal Missionário da TEC. Membro da Comissão Bilateral de Companheirismo TEC-IEAB.

Jorge Pina Cabral. Bispo da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (Comunhão Anglicana). Coordenador da Rede Lusófona da Comunhão Anglicana.

Júlio Murray. Bispo da Diocese do Panamá e Bispo Primaz da Igreja Anglicana da Região Central da América.

Rachel Mash. Reverenda Cônega da e Coordenadora Ambiental (Rede Anglicanos Verdes) da Igreja Anglicana da África do Sul.

Mark Bozzuti-Jones. Reverendo da Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Coordenador de Missão Estratégica, Iniciativas Globais e Valores Básicos da Paróquia da Trindade de Wall Street, Nova Iorque.

Esta mesa, formada por convidados de igrejas irmãs da Comunhão Anglicana, explorou distintas realidades com as quais aquelas províncias se deparam localmente. Estados Unidos, Portugal, América Central (Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Guatemala e El Salvador) e África do Sul estiveram representados.

Os EUA têm se confrontado com suas próprias debilidades no enfrentamento da pandemia. O governo usa a situação com motivos políticos e não no cuidado com a proliferação do vírus, no sentido da preservação das vidas, disseminando mentiras e tentando controlar centralmente o processo, para que o presidente imponha suas decisões. No contexto anglicano, estamos em um momento limite, a Igreja precisa tomar decisões significativas, fazer o enfrentamento a todo racismo sistêmico, as debilidades na saúde pública e desemprego que volta a crescer. Na América Central a corrupção é muito grande, a miséria e a fome fruto da corrupção são desoladoras. O ser humano está à margem, a violência doméstica aumentou muito. As desigualdades sociais saltam às vistas. Quanto à Europa, já se está vivendo o momento de desconfinamento, mas vivemos uma realidade global que nos aproxima. Portugal vive um momento de união política, religiosa e social, um momento de maior cidadania. Enquanto os prédios estão fechados, as Igrejas estão abertas, no sentido de que a igreja somos nós, as pessoas. Vive-se um tempo de maior espiritualidade, tanto pessoal quanto comunitária. Sabemos que Igreja é um lugar de fé em Jesus, que venceu a morte e ressuscitou, nós também vamos vencer. Precisamos exercitar a vocação do povo na ressurreição.

Nos Estados Unidos, os episcopais identificaram três áreas de enfrentamentos: estudo, trabalho com imigrantes em suas vulnerabilidades e ajuda no processo eleitoral vindouro (para encontrar possibilidades para que as pessoas possam votar nas eleições, sem correr risco de exposição ao vírus). Várias atividades estão sendo iniciadas, utilizando-se de aplicativos para celulares. Quem nunca havia trabalhado com esses instrumentos, está aprendendo. Percebe-se que há mais

participação nos aplicativos do que nos templos, antes da pandemia. Antecipa-se que muitas Igrejas não vão sobreviver a este momento.

Na América Central, a Igreja na Costa Rica, tem feito um trabalho mais ligado às crianças, pois o fato de não estarem mais indo às escolas criou um problema alimentar para elas. A igreja está, assim, ajudando com alimentação. Na Guatemala e El Salvador, a Igreja está trabalhando mais ligada às questões da saúde. E no Panamá, busca-se ajudar na saúde pública e educação, usando das tecnologias de informação e comunicação para esses trabalhos. Há um trabalho de cuidado com a saúde psicológica das pessoas, que faz formação de pessoas ordenadas e leigas, preparando-as para este acompanhamento. Após a pandemia, a igreja continuará usando as mídias para não por as pessoas mais vulneráveis em risco.

O movimento Anglicanos Verdes organizou encontros das Juventudes de toda África durante o *lockdown*, usando a plataforma Zoom, enviando propostas de atividades para cada dia, desafiando os jovens a realizarem ações relacionadas ao meio ambiente. Também se realizam atividades relacionadas à educação e prevenção em saúde, em parceria com ONGs, construindo latrinas e banheiros comunitários e mantendo uma rede de WhatsApp sobre os cuidados com os banheiros, para que não falem água ou sabão para lavar as mãos e estabelecendo comunicação com o governo municipal para fazer este cuidado. Torneiras foram instaladas em lugares onde não havia água. Traduções de material para diferentes idiomas locais foram produzidas. As mulheres da União de Mães fizeram máscaras que ajudaram as pessoas que estavam desempregadas e alimentos foram distribuídos.

Na Rede Lusófona da Comunhão Anglicana, percebe-se a importância de trabalhar em parceria, em rede. E a Aliança Anglicana está realizando com consultas regionais para compartilhar informações. Um material está sendo produzido em quatro línguas - inglês, francês, espanhol e português - propondo estudos bíblicos, mas também fazer parcerias com grupos ecumênicos e de outras religiões, ONGs e governos, para ajudar no combate às vulnerabilidades.

No encerramento da mesa, o Bispo Naudal Alves Gomes, Bispo da Diocese do Paraná e Primaz da IEAB, agradeceu a contribuição das pessoas convidadas. Expressou solidariedade e empatia com todas as pessoas que estão em situação de vulnerabilidade e as que perderam seus queridos e queridas para a Covid-19. Pediu um minuto de silêncio. Agradeceu à Câmara Episcopal por ter aceito a proposta da criação de um grupo de trabalho de combate à crise da pandemia, à comissão organizadora do seminário, à Secretaria Geral e aos responsáveis pelo suporte técnico do evento.

2. QUESTÕES RELEVANTES: PERGUNTAS, DESAFIOS E PROPOSTAS

Um evento desta natureza certamente suscitou múltiplas interrogações e deu oportunidade a que participantes de todas as dioceses anglicanas brasileiras pudessem fazer comentários, avaliações e perguntas, que podem ser conferidas no canal do *YouTube* da IEAB (IEAB TV) e no Portal *SOUIEAB*. A comissão responsável pela organização do evento, à luz da síntese apresentada anteriormente, neste documento, e de sua própria avaliação dos resultados alcançados, elenca a seguir um conjunto de questões que permanecem abertas para reflexão e debate na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, em relação seja ao momento vivido seja ao futuro mais imediato. Assim, cremos que em várias instâncias da Igreja, a Câmara Episcopal, o Conselho Executivo, as Comissões e Departamentos, as Áreas Provinciais, o Centro de Estudos Anglicanos, as Dioceses e Paróquias, podemos e devemos aproveitar a rica oportunidade que o Seminário oportunizou. Assim, propomos que as questões abaixo, apresentadas sem pretensão de refletir todas as discussões, mas seguindo uma lógica de questões mais amplas a questões mais específicas, sejam lidas como perguntas em busca de respostas, desafios em busca de enfrentamento e propostas em busca de ações.

QUESTÕES ESTRATÉGICAS PARA ALÉM DA PANDEMIA

Como lidar com a crescente incerteza, instabilidade, exclusão que os cenários contemporâneos vêm afirmando e que a pandemia escancarou para todos verem? Como falar de fé que temos? Como disputar as narrativas do evangelho que legitimam o patriarcado, a violência, a xenofobia e associam a Igreja a formas de dominação econômica e novos tipos de imperialismo? Em tudo isso é preciso ter a compreensão de que não podemos projetar o futuro e controlar o tempo, donde não adiantar pressa e ansiedade, mas é preciso firmeza no testemunho.

Como responder à lógica sacrificial que vem da política, da economia e agora da teologia conservadora e obriga as pessoas a fazerem escolhas ou empreenderem sem poderem controlar minimamente as condições em que o fazem e sendo responsabilizadas pelo frequente fracasso? Perceber que o neopentecostalismo está também em nossas igrejas, de modo que a acusação das alianças entre igrejas conservadoras e governo neoliberal é reducionista.

O esvaziamento dos templos, a perda da membresia e o desafio ao profetismo está posto diante de nós há alguns anos. Por que o tema da capilaridade da presença da Igreja se torna tão central nesse momento?

Como a IEAB, as Igrejas e as organizações religiosas e ecumênicas podem contribuir para fortalecer as demandas por estruturas e políticas de saúde orientadas pela lógica científica e pelo interesse público, assim como para combater o negacionismo científico e a disseminação da desinformação, especialmente no campo religioso?

Como a IEAB pode melhor juntar-se às Igrejas da Comunhão Anglicana, organizações ecumênicas e outras Igrejas e organizações religiosas e da sociedade civil para atualizar e continuar a viver sua missão no período de enfrentamento da pandemia e nos possíveis cenários que se desenham para o pós-pandemia?

Como dar testemunho cristão em situações de organização social nas quais não sejamos protagonistas?

Como encontrar uma linguagem que não apenas seja compreendida pelas pessoas, em qualquer contexto em que elas vivam, mas também recebam respostas delas, engajamento, compromisso? Como reconstruir o modelo de comunicação da Igreja com as bases da sociedade, aprendendo com a experiência das Comunidades Eclesiais de Base, mas sem perder a perspectiva do que já está sendo feito hoje, nas comunidades periféricas urbanas, no campo? Parte desse desafio tem a ver com o enfrentamento de teologias que vêm sendo difundidas para dominar as pessoas e o

desenvolvimento de uma ética social do amor eficaz que desarme a teologia da prosperidade. Parte tem a ver com a necessidade de observar os pequenos atos e as pequenas formas de resistência em meio a situações de crise e destruição. O desafio é pensar a eclesialidade pós-pandemia, que vai continuar utilizando o virtual, mas precisa recriar-se como comunidades presenciais. Como desconstruir a autoridade político-eclesiástica que permeia o imaginário religioso cristão brasileiro, sem matar, sufocar ou dissipar a fé?

ATIVIDADES ESSENCIAIS, SACRAMENTOS E DINÂMICA DOS CULTOS

O que é essencial em nosso serviço ao mundo, como igreja, que pode ser potencializado? Nem tudo o que a igreja faz é essencial nesse momento. Como repensar os sacramentos e as igrejas sem templo? O que resultará daí? Não se trata mais da sacramentalidade da vida, que deve ser afirmada e defendida, do que dos sacramentos tradicionalmente entendidos? Bom momento de pensar o que significa o sacramento hoje. Como vamos tomar de volta o conceito da defesa da vida, hoje controlado pelos setores conservadores cristãos? Como lidar com a questão da ministração da eucaristia e da realização de ritos fúnebres no contexto de isolamento social?

Há um forte apelo mercantilista e/ou sentimental na vivência religiosa contemporânea. A IEAB atrai pessoas que buscam alternativas diferentes a esses modelos, se encantam com a reflexão teológica, mas questionam o mecanicismo de seus rituais litúrgicos. Como desenvolver uma liturgia que alcance o povo, especialmente em meios virtuais?

Como vamos ser comunidade organizada sem reuniões presenciais, em janelas? Como vamos cuidar para evitar a renovação da igreja patriarcal nesse novo jeito de ser igreja? Como fazer uma diaconia transformadora e ecumênica para além do cristão, da casa comum, não-patriarcal, não-assistencialista, profética?

IGREJA SEGURA E INCLUSIVA

Como a igreja pode intervir em relação ao aumento da violência doméstica e de gênero no contexto da pandemia? Como falar de Deus para mulheres que vivem em situação de violência nesse momento?

Como contemplar, nas celebrações virtuais, segmentos tradicionalmente invisibilizados como, por exemplo, as pessoas negras, indígenas, do campo, LGBTQ+.

DESDOBRAMENTOS PRÁTICOS MAIS IMEDIATOS DO SEMINÁRIO

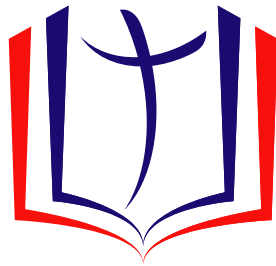
De que forma a IEAB vai dar continuidade a este Seminário e ao seu Planejamento Estratégico?

De que forma a IEAB, as Igrejas e as organizações religiosas e ecumênicas podem contribuir para o enfrentamento da pandemia e de suas consequências entre as populações e grupos sociais mais vulneráveis, invisibilizados e excluídos?

Quais mudanças são necessárias para enfrentar nossos medos e nosso empobrecimento, garantindo a atuação da IEAB no pós-pandemia?

3. RECURSOS DISPONÍVEIS

- Vídeos com as apresentações e debate de cada mesa do Seminário disponibilizados no Canal [IEAB TV](#).
- Página do [Facebook](#) da IEAB, que fez o streaming em tempo real e recolheu feedback imediato.
- [Portal SOUIEAB](#), com oferta de serviços de apoio pastoral e psicológico e difusão de informações.



Editora e Livraria
ANGLICANA

Livraria e Editora Anglicana

<http://www.livrarianglicana.com.br>

<https://www.facebook.com/livrarianglicana>

<https://www.instagram.com/livrarianglicana>

Televidas (51) 3318-6122

Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Av João Dias 150, Apto 21

São Paulo/SP

CEP: 04724-000

<https://www.ieab.org.br/>

ISBN: 978-65-991248-7-7

CDL



9 786599 124877